

Prefácio

Carlos Walter Porto Gonçalves

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

PINHEIRO, DJF., and SILVA, MA., orgs. *Visões imaginárias da cidade da Bahia: diálogos entre a geografia e a literatura* [online]. Salvador: EDUFBA, 2004. 184 p. ISBN 85-232-0339-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Prefácio

O fenômeno urbano se coloca para cada um de nós, hoje, como um enorme desafio, sobretudo, para quem o vê a partir do lado colonial do sistema-mundo moderno-colonial (Wallerstein, Quijano, Lander, Porto-Gonçalves entre tantos). Afinal, no imaginário eurocêntrico, a cidade é o destino a que a humanidade estaria votada, na busca de superação de seus atavismos naturais e de emancipação. Os alemães diziam, na Idade Média, que “o ar da cidade torna o homem livre”. Dados recentes, de 2001, divulgados pela ONU, dão conta de que 53% da população mundial é rural e 47% é urbana. Embora saibamos que, com as transformações socioespaciais inscritas no que Milton Santos chamou de período técnico-científico informacional, essas distinções são menos claras do que já foram um dia, o fato é que a maior parte da população mundial, mesmo depois de mais de dois séculos de experiência industrial, vive de atividades rurais e, assim, tem seu cotidiano em contato direto com a terra (água, plantas e animais). E mais: desses 47% de urbanos, nada mais que 70% estão na América Latina e Caribe, na África e na Ásia. Somente 30% dos urbanos do mundo estão na Europa, América do Norte e Japão, ou seja, naquele urbano que nos é apresentado como o destino que deveríamos atingir. Afinal, a promessa urbana de progresso abriga uma pequeníssima parte da população urbana mundial. A cidade que nos é prometida não é a cidade que encontramos no nosso dia-a-dia latino-americano, africano e asiático, onde está, repito, 70% dos urbanos do mundo.

Houve um tempo em que se dizia que alguém tinha urbanidade no sentido de que tinha modos e hábitos tomados como cultos e superiores. Sabemos que essas hierarquias espaciais são afirmações de lugares sociais, de distinções sociais e, já ali, pelos

lugares, se discriminava cada qual. Entretanto, ainda que queiramos aceitar essa idéia de urbanidade como uma cultura superior, nossas cidades, sobretudo as deste lado colonial do sistema-mundo moderno-colonial, são tudo, menos urbanas, no sentido acima aludido. Nossos habitantes urbanos estão mais suscetíveis às catástrofes naturais do que se estivessem na área rural: chuvas, enchentes, deslizamentos, desmoronamentos e outros eventos.

Com a moderna colonização dos últimos 40 anos – revolução verde, agronegócio, modernização conservadora e, também, a revolução demográfica e a conseqüente des-ruralização generalizada –, nossas cidades sofreram um crescimento avassalador. A utopia do intelectual que se aproxima do povo e com ele convive, tão bem representado por Jorge Amado, cujos personagens povoam as páginas deste livro, já não mais predomina em nossas paisagens urbanas. Já não mais os pontos de encontro no porto com saveiros e, sim, a cidade rasgada por autopistas modernas, com edifícios modernos e arquitetura de ponta que mostram uma Salvador de uma classe média integrada aos “de cima”, em nada diferente das maiores cidades brasileiras.

A sensação de uma Salvador que já não existe mais, saudosa, não deixa de permear este livro. É como se uma cidade tivesse sido invadida tanto por baixo, com a periferização, como por cima, com a presença de uma burguesia e uma classe média ciosas de que, finalmente, teriam chegado ao primeiro mundo. O Pelourinho, afinal, já não é mais aquela sujeira que Milton Santos afirmara e que aqui está reproduzida. Não. Agora, o Pelourinho recebe turistas numa atualização da mesma matriz moderno-colonial que fundava cada cidade com um pelourinho. ACM é lembrado aqui como um marco dessa nova moderna-colonização.

O mais interessante deste livro é que os(as) autores(as), instigados(as) pelos(as) professores(as) organizadores(as), não foram buscar na economia a compreensão da cidade. Foram à literatura e, assim, indicam que, mais do que progresso, querem significação identitária. Como dissera Pessoa “minha pátria

é minha língua”. Com isso, colocam-se nas fronteiras entre a Ciência e a Arte, entre a compreensão objetiva do mundo e a sua significação imaginária. Não se quer somente a cidade-*habitat*, mas a cidade que é habitada, que tem hábitos, aquilo que, na linguagem popular, se diz: *gente* e não números.

É a compreensão da nova intersubjetividade urbana de Salvador que se busca neste livro, dessa cidade nova que parece nos escapar. E, agora, percebemos que, por trás de Vadinho, havia uma mulher que o servia, numa “dialética da malandragem” (Antonio Cândido e Roberto DaMata) que a clivagem social de hoje explicita numa “dialética da marginalidade”, de que, talvez, os *rappers* do movimento *Hip Hop* sejam os principais poetas. O Zé do Burro de *O Pagador de Promessas*, que chega à cidade no início desse processo de transformação, é muito diferente do Zé Pequeno da *Cidade de Deus*. Que cidade é essa? Além disso, Vadinho teria de se haver com as feministas...

Visões Imaginárias da Cidade da Bahia, organizado por Délio José Ferraz Pinheiro e Maria Auxiliadora da Silva tem as marcas do que de melhor a produção acadêmica pode oferecer. Antes de tudo, pela resistência ao mundo, sobretudo a esse mundo que recusa a mundanidade para se recolher no único símbolo que reconhece como válido: o dinheiro. Abstração pura.

Numa época em que a cidade é pensada como mercado, *Visões Imaginárias da Cidade da Bahia* nos propõe a *geosemia* dos múltiplos sentidos da cidade como obra, fruto das mãos e da imaginação dos homens e mulheres mundanos, que aparecem mais na literatura do que na maior parte da literatura científica sobre a cidade (mais do que da cidade).

Visões Imaginárias da Cidade da Bahia, por suas diferentes qualidades, nos traz a riqueza de mestrandos que, instigados pelos organizadores, na disciplina O Espaço Geográfico na Literatura, do Curso de Mestrado em Geografia da UFBA, nos devolvem a dimensão subjetiva inscrita no espaço urbano *concretamente*.

O que se publica aqui são distintas visões sobre essa Salvador que se quer Bahia de Todos os Santos... e Silvas. Só a literatura permite ver essas almas que emergem dos diferentes lugares desse espaço-cidade – dos fundos dos becos, dos sobrados, dos edifícios, dos alagados. Neste livro, mergulha-se, pela literatura, nesse espaço-tempo de uma Salvador em que se buscou a utopia de integrar os “de baixo” (Florestan Fernandes), contraditória, sim, mas quem sabe não está aqui a chave que se busca no passado para a Salvador do futuro, contra todo o individualismo fóbico, a desigualdade e desagregação social que o mercantilismo hegemônico só faz aumentar. O leitor, com certeza, sairá melhor desse espaço imaginário que é esse livro, Salvador.

Itaipu-Niterói, dia internacional da Mulher – 2004.

*Carlos Walter Porto Gonçalves*¹

NOTAS

¹ Carlos Walter Porto Gonçalves é doutor em Geografia, Coordenador do Programa do Pós-graduação em Geografia do Departamento de Geografia da Universidade Federal Fluminense (Niterói, Rio de Janeiro, Brasil), ex-presidente da Associação dos Geógrafos Brasileiros – AGB (1998-2000); é autor de diversos artigos e livros publicados em revistas científicas nacionais e internacionais, sendo os mais recentes *A geograficidade do Social: uma contribuição ao debate metodológico sobre estudos de conflito e movimentos sociais na América Latina* em *Movimientos Sociales y Conflicto en América Latina* (Seoane, José (org.) Clacso, Buenos Aires, 2003; “*Da Geografia às Geo-grafias: um mundo em busca de novas territorialidades*” em “La guerra Infinita: hegemonía y terror mundial” Sader, E. e Ceceña, Ana Esther (orgs.), Clacso, Buenos Aires 2002; “*Geo-grafias: movimientos sociales, nuevas territorialidades y sustentabilidad*”, ed. Siglo XXI, México, 2001 e “Amazônia, Amazônias”, ed. Contexto, São Paulo, 2001.